

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A GUERRA NO CINEMA  
PARTE I – O CINEMA NO CAMPO DE BATALHA  
6 e 27 de fevereiro de 2023

# OBJECTIVE BURMA! / 1945

*(Objectivo Burma!)*

um filme de Raoul Walsh

**Realização:** Raoul Walsh / **Argumento:** Ronald MacDougall e Lester Cole, baseado numa história de Alvah Bessie / **Fotografia:** James Wong Howe / **Música:** Franz Waxman / **Interpretação:** Errol Flynn, William Prince, James Brown, George Tobias, Henry Hull, Warner Anderson, John Alvin, Stephen Richards, Dick Erdman, Tony Caruso, Hugh Beaumont, John Whitney, Joel Allen, Buddy Yarus, Frank Tang, William Hudson, Rodric Red Wing, Asit Koomar, John Sheridan, Lester Matthews.

**Produção:** Jerry Wald para a Warner Brothers / **Cópia:** do British Film Institute (Londres), 35mm, preto e branco, versão original com legendagem electrónica em português, 130 minutos / **Estreia Mundial:** Nova Iorque, 26 de Janeiro de 1945 / **Estreia em Portugal:** Cinema Condes, 29 de Dezembro de 1945.

---

Pode considerar-se **Objective, Burma!** um dos píncaros do cinema de propaganda bélica. Será isso, mas não só, como veremos mais adiante, mas antes de lá irmos seja dito em abono da verdade que **Objective, Burma!** é um dos filmes mais eficazes nesse género. Não vi com os meus olhos, mas garantiram-me muitos conhecidos e amigos que este filme de Raoul Walsh (reposto comercialmente pela Castello Lopes em 1965) era com frequência exibido aos soldados portugueses antes da sua partida para as colónias. Não custa crer porque se **Objective, Burma!** é um filme bélico passado quase cem por cento no palco da acção onde o conflito armado mais do que aberto apresenta muitas características de guerrilha, mais do que isso é um verdadeiro manual de sobrevivência e resistência, em condições adversas, enfrentando um inimigo escondido que ataca emboscado e de surpresa. Se prestarem atenção e tomarem nota não duvido que fiquem com o mínimo de instruções que vos permitirá reagirem numa situação de perigo. Mas há mais. **Objective, Burma!** é uma verdadeira profissão de fé na hierarquia militar. Façam o que fizerem os altos comandos têm sempre razão. Flynn e os seus soldados não discutem ordens. Se alguém denota estranheza a resposta é liminar: "Ordens!" Por mais divergentes e estranhas que elas pareçam, fazem parte de um todo, de um plano geral, onde se vão encaixar como um "puzzle". E como um "puzzle" o seu sentido só se alcança quando ele fica completo, e a última posição em que Nelson (E. Flynn) e os sobreviventes se encontram e parecia desesperada revelase a salvação quando, como cogumelos, centenas de paraquedistas americanos começam a saltar dos aviões para aquele ponto.

Em eficácia é difícil levar a palma a **Objective, Burma!** O filme foi um êxito comercial no seu tempo: Foi um dos filmes mais lucrativos do ano para a Warner e por cá aguentou-se quatro semanas no cinema de estreia. O *New York Times* dizia na altura da estreia: "This is without question one of the best war films yet made in Hollywood". E a *Time* afirmava: "This story is used not as an excuse for histrionic heroics but as a basic for a good of dogged, specific detail about men at war". Já os ingleses não lhe acharam muita graça. **Objective, Burma!** foi retirado do mercado após uma semana de exibição em Londres por omitir a intervenção britânica na conquista da Birmânia. Esta de facto resultou numa operação conjunta anglo-americana mas, segundo o

filme, só os americanos combateram e Errol Flynn sozinho ganhou a guerra. O filme só voltaria ao mercado britânico a partir de 1952, acrescentado de um prólogo explicativo. A primeira acusação dos críticos ingleses tinha razão de ser, já o mesmo não se pode dizer da segunda. De facto, este é um dos poucos filmes deste período em que o herói individual se esbate no grupo (quem o viu recorda o arquétipo do herói que sozinho ganha a guerra: **Sergeant York** de Howard Hawks), em que o que triunfa é uma "ideia" de grupo e a necessidade de disciplina, e Errol Flynn, o protótipo do herói invencível está aqui mais comedido, cabendo-lhe animar os seus homens e manter a disciplina. No resto é um combatente como os outros, apenas mais experiente. Ele antecipa o personagem de Aldo Ray noutra obra-prima de Walsh: **The Naked and the Dead**, num outro contexto, numa visão bélica que está nos antípodas de **Objective Burma!**

Disse ao começo que se o filme é uma obra bélica, mesmo militarista, ele transcende em muito a mera operação de propaganda. Abstraindo do contexto em que decorre, **Objective, Burma!** é um filme de aventuras que tem por base o espírito de grupo na luta pela sobrevivência, descrevendo pormenorizadamente uma operação de que são encarregados. A operação (neste caso a destruição de uma base de radar japonesa) é levada a cabo com êxito; os problemas surgem quando a operação de recuperação falha. Ao contrário do que se esperaria neste género e neste tempo, o filme de Walsh não recorre a qualquer ênfase épica. É antes um estilo semi-documental que prefere a descrição em pormenor à grande acção bélica. É interessante notar como as acções que se adivinham espectaculares são quase totalmente elididas (o massacre dos soldados americanos) sendo a única apresentada integralmente a da operação em si, de desmantelamento da base de radar. O resto é essencialmente a descrição da resistência, da persistência, das esperanças e desesperos de cada um. Convenhamos que para um filme "militarista" é uma posição curiosa. Desviado o centro para os homens o filme adquire uma carga mais intemporal deixando de estar sujeito às necessidades do momento que eram as da propaganda. De facto, o inimigo só é o japonês porque o filme foi feito em 1945, e a prova foi dada pelo próprio Raoul Walsh. Ao longo da sua carreira, mais de uma vez Walsh voltou ao mesmo tema para o desenvolver noutra lugar ou noutras circunstâncias. Foi assim **The Strawberry Blonde** que deu **One Sunday Afternoon, High Sierra** que se transformou em **Colorado Territory**, assim aconteceu também com **Objective, Burma!** que em 1951 se metamorfoseou no western **Distant Drums**. E comparando os dois últimos chega-se à curiosa conclusão de que o western tem uma maior carga militarista do que o filme de guerra. Nele, Gary Cooper é o herói que se distingue do grupo, acima dos outros pela hierarquia e pela "virilidade" (num momento de antologia Cooper faz a barba a seco com uma faca de mato!). Em **Distant Drums**, uma patrulha é encarregada de destruir um acampamento índio, o que executa com relativa facilidade. Segue-se, como em **Objective, Burma!**, a perseguição e a luta de guerrilhas que os índios lhes irão mover durante a retirada. A narrativa é exactamente a mesma, só mudou o tempo e o local. O inimigo em **Objective, Burma!** é identificado com os japoneses por motivos concretos e imediatos, fora isso a sua imagem segundo o esquema criado por Alvah Bessie e Lester Cole (dois nomes que dentro em pouco figurariam na lista dos "10 de Hollywood" na caça às bruxas) tem um carácter abstracto, algo como o inimigo invisível da **Lost Patrol** de John Ford. Num momento fabuloso do filme de Walsh, perto do fim, o adversário deixa de ter existência física para se tornar apenas uma ameaça que paira mortalmente sobre os homens nas trincheiras na escuridão da noite.

Era em 1945 e o cinema preparava-se para uma mudança radical. Durante os anos de guerra, e nascida dela, veio uma nova geração de actores que fazem o seu baptismo de fogo (!) em filmes de guerra, tentando alcançar um lugar em Hollywood. Uns passam a prova, outros ficam pelo caminho. No elenco de **Objective, Burma!** vamos encontrar alguns rostos que, como principais ou secundários se irão tornar familiares aos cinéfilos nos anos seguintes.

Manuel Cintra Ferreira